

**Nome:** Adrielle Costa Gomes de Jesus

**E-mail:** adriellecg@hotmail.com

**Instituição:** UFBA

**Orientadora:** Acylene Ferreira

## UMA LEITURA SOBRE O PÓS-HUMANISMO E O ACABAMENTO DA METAFÍSICA EM HEIDEGGER

**Resumo:** A crise da metafísica, e consequentemente a crise do humanismo, passou a ser um tema veemente na filosofia. Ela expressa a derrocada das categorias tradicionais que pretendiam determinar um fundamento para o homem. Essa crise adveio do confronto do sujeito para com seus próprios limites, do reconhecimento de sua própria finitude, e com ela surge a exigência de reformulações de teorias absolutistas e essencialistas para descrever o mundo e a condição humana. Em tais reformulações fora reivindicado o abandono da metafísica - visto que os seus sistemas não davam mais conta de descrever a totalidade do real - e a superação do humanismo em vista de um pós-humanismo, que, por vezes, ensaia o aperfeiçoamento do homem por meio da técnica (e da tecnologia), e que culmina no desenvolvimento da engenharia genética, a qual propõe uma superação das limitações da espécie humana.

O modo como Heidegger pensa a crise da metafísica e do humanismo não se pauta por uma correção de sistemas filosóficos e nem por um aperfeiçoamento do homem. Mas por uma recondução do homem a sua essência. Ao tentar mostrar que ele está sempre a caminho de uma consumação, e por isso as mudanças de seu modo de ser não estão limitadas a um aperfeiçoamento técnico ou a uma correção de sistemas ultrapassados, mas é historial. Com essa recondução, Heidegger pretende indicar um fenômeno histórico que nos condiciona, chamado esquecimento do ser. Através do qual nos tornamos inclinados a tomar um único período como nossa medida fundamental, desde os primórdios de nossa civilização ocidental até a era da técnica, que define a nossa essência atual. Segundo Heidegger, é porque o homem padece de um esquecimento que ele se submete a uma vontade de poder, enquanto princípio metafísico da era da técnica. E por isso, o mundo e o homem passam a ser desvelados como entes disponíveis para a exploração e o consumo. A tomada de uma única medida para definir um período e a própria essência do homem conduz a subsunção do caráter de abertura para possibilidades de ser. É a partir do reconhecimento do esquecimento e

de suas possibilidades de ser que o homem poderia ser reconduzido ao seu elemento, àquilo que lhe é próprio enquanto homem.

A partir de tais reflexões de Heidegger sobre a metafísica e o humanismo pretendemos sondar a possibilidade de lê-lo a partir do modo como ele pôde reverberar no pensamento contemporâneo. Almejamos, então, pensar a seguinte questão: podemos situá-lo no fenômeno do acabamento da metafísica (assim como ele fez com Nietzsche)? Em caso afirmativo quais seriam as implicações dessa interpretação?

Uma das possibilidades é conceber que Heidegger teria contribuído para um distanciamento e um enfraquecimento ainda maior do fenômeno da abertura do ser, chamado por ele de o “esquecimento do esquecimento”. E que sua crítica sobre o humanismo não supera, mas o exacerba ao tentar reconduzir o homem à suas possibilidades elevadas.

Estas interpretações são expressas em argumentos de dois críticos que ousaram interpretar as ressonâncias de Heidegger no contexto atual. A saber, Vattimo e Sloterdijk. Segundo a interpretação de Sloterdijk, Heidegger, ao criticar o conceito de homem como um animal racional, exclui deste o caráter de animalidade e o define como um ente quase divino, por ser o único capaz de corresponder ao apelo do ser. E assim, o seu pós-humanismo, ao invés de superar o humanismo tradicional, o leva até as últimas consequências; ao defender que o homem não é um simples sujeito dotado de racionalidade, um animal racional, mas o pastor do ser. Para Vattimo, a superação do humanismo de Heidegger se configurou a partir do conceito de esquecimento de ser, que realizou a diluição do conceito tradicional de fundamento do homem. Nesse sentido, ele levou em consideração que o homem só é capaz de corresponder ao apelo do ser por estar sempre padecendo de um esquecimento, e desse modo, obedecer ao império da vontade de poder, na era da técnica.

Reinterpretando Heidegger, Vattimo defende que é preciso ler a história como um longo adeus e um infindável enfraquecimento do ser. A superação da metafísica, por sua vez, deve ser entendida como um recordar-se desse esquecimento, e não como um recordar-se do próprio ser. Pois, se concebêssemos a superação como uma rememoração do ser, retornaríamos à mesma dificuldade tradicional de entificar o ser e reduzi-lo à substancialização, e desse modo a diferença ontológica seria suprimida. É preciso então se posicionar a respeito do problema deixado em aberto pelo próprio Heidegger. Qual seja? A de que o pensamento sobre o ser almeja indicar e preparar uma outra época, na qual o homem poderá assumir a sua correspondência ao apelo do ser, enquanto tal.

Deve-se então pensar Heidegger dentro do movimento de acontecimento da metafísica ocidental, mostrando que ele prepara e pertence ao último estágio do esquecimento do ser. Segundo Vattimo, repensar Heidegger a partir da descrição do mundo pós-moderno pode ajudar a perceber os alcances do seu pensamento, face aos resquícios transcendentalistas que ainda persistem em sua filosofia e o mantêm no limite do idealismo moderno.

Diante desse empasse, pretendemos com esse trabalho sondar a possibilidade de pensar Heidegger dentro de um fenômeno de acabamento, ou, de radicalização da metafísica, com base na sua leitura do esquecimento do ser. Questionaremos se a leitura da filosofia de Heidegger como parte de um acabamento da metafísica – fenômeno descrito pelo próprio filósofo – não elimina ou suprime a possibilidade da questão do ser, e com ela, a questão do homem como abertura e correspondência, defendida por ele ao longo de todo o seu pensamento. Para lidar com tal questão tomaremos como interlocutores os filósofos Gianni Vattimo, que defende que Heidegger, sucedendo a Nietzsche, consuma o último estágio da metafísica, definido por ele de pós-modernidade; e Peter Sloterdijk que afirma que o filósofo nos lega um pensamento pós-humanista do homem. Em debate com essas interpretações, pretendemos indagar se tal leitura do pensamento heideggeriano como consumação de tal pós-modernidade e do pós-humanismo se adequa ou, ao contrário, contradiz a crítica feita por Heidegger à era da técnica na qual as relações do homem com o mundo estão niveladas ao ideal do cálculo e da disponibilidade dos entes ao controle da vontade de poder. Nesse sentido, questionaremos se o pensamento de Heidegger ganhou voz e consumação no mundo da técnica - que, levado a suas últimas consequências, desdobra-se como contexto no qual se pretende eliminar a própria questão do ser como último resquício da metafísica e superar o humanismo por meio de um aperfeiçoamento genético -; ou se essa interpretação caminha na contramão das intenções de Heidegger de reconstituir uma relação do homem com o ser, seja como abertura ou como seu esquecimento. Tomaremos como fio condutor as seguintes indagações: Heidegger contribuiu para uma saída da metafísica? Devemos dizer que vivemos em uma época em que a humanidade se consuma como correspondência ao apelo do ser? Para tentar pensá-la precisamos levar em conta o modo como os termos “acabamento, superação e fim” da metafísica e da filosofia se copertencem e em que sentido estão sendo pensados por Heidegger.

**Palavras-chave:** metafísica, acabamento, humanismo, ser.